

3º

**congresso
sobre o
algarve**

1984

textos das comunicações

vol. 1

1922jan.



JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA

RESUMO

Poucos saberão que Faro foi a única cidade de província a dar cobertura e apoio ao movimento futurista liderado por Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Será esse o principal aspecto a ser focado nesta comunicação, para além de ser lembrado que Fernando Pessoa viveu em Tavira, em casa de sua tia cujo imóvel bem merecia a colocação de uma placa evocativa da passagem pelo Algarve de um dos maiores poetas da cultura portuguesa. Será igualmente analisado o papel do semanário «O Heraldo», dirigido pelo pintor Lyster Franco na cidade de Faro e recordada a colaboração do artista Carlos Porfírio, director da revista «Portugal Futurista», de Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Sá-Carneiro e de vários outros jovens algarvios. De salientar que o último sobrevivente do Movimento Futurista Português é um algarvio, dr. Mário Lyster Franco, que com 82 anos e praticamente cego ainda resiste no seu eremitério farenses, que bem merecia a designação de imóvel de interesse público e a sua conversão em Casa-Museu. Propor-se-á ao Congresso a aprovação de uma moção de homenagem à memória deste ilustre algarvio.

Talvez nem toda a gente saiba que a cidade de Faro esteve directa e profundamente ligada ao movimento do "Orpheu", o qual, ao tempo da sua formação, gerou uma linha de ruptura na esclerosada escola romântica e uma via de progresso na aurora simbolista.

Estávamos em pleno início de século, a República dava ainda os primeiros passos. Pairava um clima de instabilidade, temor, intolerância, e de insegurança geral. Ninguém sabia no que isto ia parar. A Europa estava em guerra, no Norte fervilhava a sedição couceirista, o clero sentindo-se perseguido e espoliado, profetizava a guerra civil... Em suma, vivia-se receando o dia de amanhã. Os políticos não se entendiam, formavam-se e caíam governos, e a necessidade de afirmação do regime atraiu-nos para a deflagração do primeiro conflito mundial.

No Algarve, onde as notícias chegavam já ressecadas, a vida corria numa pacatez provinciana, sem grandes agitações, numa rotina solonôcia. Apenas o movimento operário se manifestava, sobretudo nos sectores corticeiro e conserveiro, despertando o poder local da letargia em que, normalmente, se encontrava mergulhado. As eleições gerais e autárquicas, as greves, o recrutamento, os comícios, etc. eram naturalmente acontecimentos de elevada repercussão aos quais não era estranha a imprensa regional. Mas, dessa imprensa há que destringar a informação da formação e a esta última pertenceu, entre outros, "O Heraldo".

"O HERALDO" DE LYSTER FRANCO

Fundado em Tavira no dia 3 de Janeiro de 1901, iniciou a sua publicação com o nº966 assumindo-se como o legítimo sucessor do "Jornal de Anúncios" que por ser de distribuição gratuita se viu arbitrariamente privado de publicar os anúncios oficiais seu único e quase exclusivo suporte económico. O seu proprietário, José Maria dos Santos, lançou então "O Heraldo" em cuja tipografia Burocrática se editou até ao nº1542 de 2 de Fevereiro de 1912, tendo então como directores os seus dois filhos, António dos Santos - futuro redactor, fundador e director do "Correio do Sul" - e José Maria dos Santos Júnior, todos naturais de Tavira

Circunstâncias próprias da vida levaram ao encerramento da tipografia que pouco depois, juntamente com o título do jornal, seria vendida ao pintor e professor Carlos Augusto Lyster Franco e ao médico João Pedro de Sousa que na capital algarvia no dia 10 de Abril do mesmo ano ressuscitavam aquele que já era então considerado como o melhor periódico algarvio.

Reapareceu como bissemanário e seguindo uma orientação políti

ca muito próxima do Partido Democrático liderado por Afonso Costa, de quem o pintor Lyster Franco foi grande amigo e fiel militante. Teve no "Heraldo" uma apresentação gráfica verdadeiramente notável, ilustrado com magníficas gravuras, algumas delas talhadas à mão em madeira ou cobre, que para além de constituírem verdadeiras obras-primas são simultaneamente valiosíssimas peças para um possível museu de artes gráficas que, atendendo à descentralização da cultura e à ancestralidade da imprensa algarvia, bem poderia fundar-se no Algarve. O próprio formato deste jornal de características jornalístico-literárias tão interessantes sofreu várias alterações tanto no tamanho como na qualidade do papel, acabando por no dia 19 de Setembro de 1914 quando se publicava o nº 251 se transformar definitivamente em semanário, mercê das vicissitudes da falta de papel motivada pela deflagração da guerra em que Portugal tomava parte integrante.

A nova direcção de "O Heraldo" sempre pugnou pela manutenção de uma linha democrática e livre na informação algarvia, se bem que enquanto ao seu leme esteve a pena do dr. Pedro de Sousa as suas baterias jamais deixaram de bombardear implacável e violentamente os seus directos rivais, especialmente os semanários "O Algarve" e "O Distrito de Faro", todos publicáveis na capital algarvia. Logicamente que os processos judiciais começaram a bater à porta da redacção de "O Heraldo", sendo de realçar as sete querelas que só à sua conta lhe moveu o então governador do distrito, coronel Paulino de Andrade, para além das muitas questões e polémicas que manteve com alguns oficiais do Batalhão de Infantaria nº33, aquartelado em Faro, e que nesta cidade suscitou viva celeuma.

Todas estas tropelias jornalísticas fizeram do dr. João Pedro de Sousa um homem temido e odiado por alguns mas respeitado e admirado por muitos, o que acabou por abrir-lhe um caminho na senda política chegando mesmo a ter grande prestígio e a ser eleito deputado. Nessa altura, partiu então para Lisboa deixando nas mãos do pintor Lyster Franco a posse definitiva do leme de "O Heraldo", até aí tão difícil de orientar devido aos tumultos das águas em grande parte agitadas pelo seu próprio sócio. Nestas circunstâncias o respeitável e erudito pintor, ao tempo director da Escola Industrial Pedro Nunes, de boa memória, registava no editorial do nº33 de 24 de Outubro de 1915 o começo de uma nova era para "O Heraldo": a era da pacificação. E assim aconteceu. Daí para a frente aquele jornal não mais teve problemas de vulto, tomando um cariz fundamentalmente literário, embora sem descurar totalmente o temperamento e o ideário político que estivera na sua origem. Por conseguinte, estava-se na presença de um periódico político-cultural, no género daqueles que hoje, salvo raras e honrosas excepções, já não existem(1). E devemos salientar que nas colunas de "O Heraldo" colaboraram as melhores e mais prestigiadas penas do país, desde poetas a cientis-

tas e de literatos e historiadores, sem esquecer algumas figuras grades da política que em S. Bento ou no próprio governo deram bastante brado.

Convém acrescentar, para aqueles que eventualmente desconheçam a personalidade multifacetada do pintor Carlos Augusto Lyster Franco, que raramente pelo Algarve passou um homem tão extraordinário e tão dotado. Foi em toda a sua existência um racionalista, amante da verdade, da integridade e da isenção, da beleza, da fraternidade, da solidariedade e sobretudo da rectidão e coerência das ideias. Foi especialmente e aos olhos do vulgo um notável pintor, um dedicado pedagogo à causa da educação e à sobrevivência dos verdadeiros cânones da língua portuguesa e foi, naturalmente, um brilhante escritor de fino recorte literário.

Mas vejamos alguns dados biográficos.

Nasceu em Belém, Lisboa, a 5 de Outubro de 1878 (comemorou-se ainda há bem pouco tempo de forma pouco brilhante o seu centenário) e após concluído o curso de pintura histórica na escola de Belas Artes, onde foi discípulo de Simões de Almeida (tio) e de Veloso Salgado, radicou-se em Faro, no ano de 1901, aqui exercendo a docência do desenho e das línguas portuguesa e francesa. Para além disso, foi ainda professor efectivo das escolas Industrial Pedro Nunes e da Comercial de Tomás Cabreira, onde foi director durante largos anos, da escola do Magistério Primário e da escola Primária Superior, director do Posto Meteorológico, Administrador do Concelho, Comissário de Polícia do Distrito, Presidente da Câmara de Faro, membro da Academia das Ciências de Portugal, do Instituto Arqueológico do Algarve e cavaleiro da Ordem Militar de Santiago. A sua obra pictórica reparte-se sobretudo pelas paisagens a óleo e fundamentalmente pelo desenho a carvão, segundo a escola de Allongé, tendo-lhe a fama grangeado o epíteto de "Franco dos Carvões". Realizou numerosas exposições e procedeu graciosamente ao restauro de inúmeros quadros depositados no Museu Arqueológico e Lapitar Infante D. Henrique em Faro e no Museu Marítimo da mesma cidade onde tem uma sala com o seu nome. Foi candidato a deputado pelo Algarve pouco depois da implantação da República e para além de ter pertencido ao Partido Democrático acabaria mais tarde por funder e presidir ao Directório do Partido Republicano Radical que não chegou porém a ter grande expressão nacional.

Cultuou a lírica e durante os cinco anos (1912-1917) em que dirigiu o bissemanário "O Herald", deu a mão a muitos jovens que desejosos de se afirmarem no mundo das letras, não tinham quem lhes desse um voto de confiança. Foi aí no "Herald", na secção "Gente Nova", iniciada a 5 de Novembro de 1916, que nasceram alguns nomes, hoje consagrados, da nossa poesia, nomeadamente João Lúcio, Coelho de Carvalho, Salazar Moscoso, Bernardo de Passos e até Estácio da Veiga que por vezes trocava a arqueologia pela criação lírica. Em contrapartida confrontava-se a nova poesia com a poesia consagrada, tendo esta secção a sugestiva

designação de "Ouro Velho", na qual se transcreveram poemas de Camões, Bocage, Garrett, Castilho, João de Deus, Guerra Junqueiro e outros.

(17)

Amante da leitura e dos livros, Carlos Lyster Franco logo se sentiu atraído pelo movimento do "Orpheu", que em 1915 dava os primeiros passos. Os escassos dois números, então publicados, guardou-os até à morte como duas relíquias sagradas, que ainda hoje se conservam na biblioteca-museu de seu filho. O Modernismo apaixonava-o e a ideia de substituir a "Gente Nova" por "Futurismo" não significava o abandono dos jovens valores, mas antes, uma tentativa de chamar às coisas pelo seu verdadeiro nome. A poesia da "Gente Nova" era nitidamente futurista, para quê escondê-lo? Não admira pois, que a 4 de Fevereiro de 1917 se iniciasse a publicação de uma página inteiramente dedicada ao "Futurismo", que, infelizmente, morreria com o próprio "Heraldo" a 26 de Agosto do mesmo ano, para jamais se ouvir falar dessa "literatura de manicómio astral" no Algarve.

Em que consistiu o Movimento Futurista

É comum identificar-se o Futurismo com o Modernismo, o que, na realidade, não corresponde exactamente ao espírito intrínseco dos dois movimentos artístico-literários, havendo, no entanto, a considerar que o futurismo marca o início de uma época lírica, que haveria de perdurar até praticamente ao seu sucessor: o movimento da "Presença". As origens deste movimento estético-literário remontam à Itália, mais propriamente a Milão, onde o poeta Marinetti reuniu à sua volta um grupo de pintores, poetas e músicos, todos eles interessados em romper com a velha estrutura clássica que dominava as instituições culturais. Eram, na sua generalidade, jovens e conheciam-nos por futuristas, tendo o seu primeiro "Manifesto" causado enorme escândalo, nos meios artísticos, ao ser publicado a 20 de Fevereiro do referido ano no jornal parisiense "Le Figaro". As pretensões destes "esquisofrénicos" poetas-pintores eram simples mas demolidoras: esquecer o passado e criar um futuro sem raízes conhecidas; desprezo pelos museus, academias e mestres; extinguir o tradicionalismo e tudo quanto fosse clássico; amar a velocidade, a liberdade, o perigo, a violência e a máquina, sobretudo prezar a originalidade. Na poesia tudo isto se traduzia num verso livre, sem métrica e sem musicalidade, procurando explorar a inquietação, a insatisfação, o ocultismo, a astrologia e o metapsiquismo. Estávamos, portanto, em presença de uma declaração de guerra ao idealismo romântico.

Em Portugal, o movimento teve repercussão por volta de 1915, altura em que Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho dão à estampa o primeiro número da revista "Orpheu". Os principais mentores da iniciativa foram, contudo, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, que, aliás, já se apresentaram à frente dos seus destinos no segundo e último número.

ro da revista. Curiosamente, Fernando Pessoa, escondendo-se por detrás de um seu heterónimo, Álvaro de Campos, assina então por ventura a obra-prime do futurismo poético português, repartida pela "Ode Marítima" e pela "Ode Triunfal". São dois poemas magistrais, de rara beleza, plenos de fulgor e movimento a atestar o extraordinário talento do seu criador. A Mário de Sá-Carneiro se ficou devendo a criação do poema "Manucure", que ele próprio classificou de "semifuturista com intenção de blague", nos moldes perfeitamente modernistas(2). Infelizmente, a estranha personalidade sado-masoquista deste poeta inconstante levou-o ao suicídio um ano após o início do movimento do "Orpheu". As circunstâncias de ordem financeira, a adversidade que a opinião pública lhes demonstrava, ao apodá-los de mistificadores e alienados, o suicídio de Sá-Carneiro, são tudo razões que grosso modo justificam e extinção da revista, muito embora esta houvesse iniciado a publicação do número três sem nunca o ter concluído.

Aos impulsionadores do movimento se juntaram igualmente vários outros poetas e pintores, de entre os quais destacamos: Almada Negreiros, Santa Rita Pintor, Ângelo de Lima, Corte-Rodrigues, António Botto e Raul Leal, cujas produções literárias se estenderam pelos sucedâneos do "Orpheu", principalmente pelas revistas Centauro (1 número em 1916), Exílio (1 número em 1916), Portugal Futurista (1 número em 1917), Contemporânea (13 números de 1922 a 1923) e Athena (5 números de 1924 a 1925). O mais genial e autêntico modernista deste grupo secundário foi José Almada Negreiros que assinou em 1916 o famoso "Manifesto Anti-Dantas", auto-denominando-se "Poeta d'Orpheu, futurista e tudo"(3). Ao lado de Santa Rita Pintor, levou a cabo no Teatro República (actual cinema S. Luís), a 14 de Abril de 1917, aquela que seria a última manifestação futurista do grupo do "Orpheu". Af foram lidos, perante uma escassa audiência, textos de Almada Negreiros, "Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX", de Mme de Saint-Point, "Manifesto Futurista da Luxúria" e de Marinetti "Music-Hall et Tuons le Clair de Lune". Com a publicação do único número do Portugal Futurista se extinguiu praticamente este movimento de "estrangeirados do séc.XX" que usaram a pintura e fundamentalmente a poesia como "escada de assalto" ao castelo em que se achava encerrada a lusa lira, exausta de tantos saudosismos românticos, de pomposos academismos e sobretudo farta desse clima de junqueira-nismo em que então se vivia.

" O Herald" Futurista

Tal como já dissemos, o pintor Carlos Augusto Lyster Franco, como homem das artes e das letras, acolheu empolgantemente o movimento futurista, dando-lhe na página literária de "O Herald" todo o apoio e projecção ao seu alcance. O seu esforço não foi solitário, pois que o acompanharam na ingrata tarefa dois talentosos jovens, de quem havia mu

to a esperar no campo das artes e no campo das letras. Refiro-me, naturalmente, a Carlos Porfírio, pintor futurista de inegável talento, e a Mário Lyster Franco, felizmente ainda vivo, autor de vários estudos sobre a história e a cultura algarvia. Saliente-se que o Dr. Mário Lyster Franco é o autor de uma obra monumental, semelhante ao Dicionário Bibliográfico Portuguez de Innocência Francisco da Silva, intitulada Algarviana - Subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios, cujo 1º volume foi editado no ano transacto pela Câmara Municipal de Faro, mas que por razões inadmissíveis não obteve ainda continuidade. Segundo a autarquia farense as razões prendem-se com a falta de verbas, o que se estranha, já que o vereador da cultura, desse tempo, recusou de vários organismos públicos quaisquer auxílios quer materiais quer financeiros. Enfim, reina a Estupidez na Câmara Municipal de Faro. No que respeita à acção do Dr. Lyster Franco em prol de cultura e do engrandecimento do Algarve, por ser sobejamente conhecida e por mim várias vezes enaltecida, escuso-me de referi-la, remetendo no entanto o leitor para a bibliografia final(4).

Curiosamente, Carlos Porfírio, após o encerramento de "O Heraldo", irá dirigir a revista Portugal Futurista, cuja carreira literária não teve o impacto desejado e daí ela ter morrido à nascença. Apesar de tudo foi uma tentativa, inglória como todas as outras, num país republicano profundamente castiço, religioso e romântico. Tudo quanto fosse inovador, bizarro e anti-saudosista, causava aberração numa sociedade tradicionalista, sentimental e sebastianista, que apesar dos esforços de Afonso Costa, permanecia profundamente clerical. Por isso, estes movimentos artístico-literários, como o futurismo pouco eco obtinham na província, geralmente assoberbada pela batina clerical, que nestas "coisas de moços", ainda por cima esquisitos no falar e no vestir, viam presépios do inferno.

Efectivamente, "O Heraldo" de Lyster Franco não era um simples órgão de província, bem pelo contrário, embora praticando jornalismo a sério e responsável, não deixava por isso de ser intrinsecamente republicano e defensor dos valores culturais do Algarve e da nação em geral. Daí o seu apoio ao movimento do "Horpheu", materializado inclusivamente na colaboração prestada por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Refira-se que Sá-Carneiro foi o primeiro destes três a ver os seus versos inseridos nas colunas de "O Heraldo", com o texto em prosa intitulado "Além" e que ainda se conserva "praticamente inédito"(5). Seguiu-se-lhe Fernando Pessoa com o poema "A Casa Branca, Nau Preta", assinada pelo seu punho e que estranhamente aparecerá incluído nas poesias completas de Álvaro de Campos que, como todos sabem, é um dos heterónimos do autor da Mensagem. Tudo leva a crer, que este poema foi ditado com o coração em Tavira, cidade à qual o poeta estava ligado por la-

ços familiares, o que, provavelmente, explica a ideia de fazer "nascer" Álvaro de Campos nesta cidade algarvia. Além disso, era de toda a justiça que na casa onde o poeta sazonalmente admirava a azáfama da chegada dos barcos que depois da árdua e arriscada faina da pesca atracavam aos muros da lota fronteira ao mercado, colocasse uma placa evocativa da passagem pelo Algarve de um dos maiores embaixadores da língua e da cultura portuguesa no mundo. Por fim, a Almada Negreiros pertence o poema "Litoral", dedicado ao pintor futurista de efêmera existência, amadeu de souza cardoso (sic).

É curioso que, quando Almada Negreiros enviou este poema à redacção de "O Heraldo", aparecia um verso que dizia textualmente o seguinte: "A lua a mijar na cisterna". Perante o facto, e adivinhando o escândalo que isto poderia gerar num meio pequeno como Faro, o pintor Lyster Franco recusou-se a publicar o poema "Belfast", que continha o citado verso(6). Porém, o seu filho Mário alvitrou a ideia de em vez da palavra mijar se publicasse antes mjar, o que, de certo modo, solucionaria o problema do jornal perante o autor e o público. Realmente, para o poeta tratar-se-ia de uma gralha e para o público não passaria de uma bizarrice futurista, pois que a lua jamais poderia mijar ou mjar numa cisterna. Tudo isso seria um absurdo, portanto, ao público tanto servia de uma forma como de outra, se bem que a primeira pudesse ferir o nome do jornal, que era dirigido por um homem de elevadas responsabilidades sociais.

Convém ainda acrescentar que a participação destes poetas, ao tempo ainda simples amadores e ilustres desconhecidos, mas que com toda a justiça a história consagrou e perpetuou como verdadeiros introdutores do ideário futurista no nosso país, se ficou devendo a Carlos Porfírio, que com eles mantinha fraterna amizade, e à admiração que Fernando Pessoa dedicava ao velho "Heraldo" dos tempos de Tavira que ele julgava ainda ser o mesmo dos seus tempos de juventude.

Em suma...

Se bem que, na realidade, não tenha sido "O Heraldo" o primeiro e único jornal a apoiar o movimento futurista(7), o certo é que ele foi, sem dúvida, o único a manter publicamente uma secção literária intitulada "futurismo" e a contar com a colaboração dos três vultos mais destacados do "Orpheu".

Não devemos esquecer que o director de "O Heraldo" e o seu braço direito, Carlos Porfírio, eram artistas plásticos e por isso não permaneceram incensáveis a esta nova vaga, irritante, absurda e traloucante que do estrangeiro trazia uma mensagem criativa e inovadora. Na verdade, com a publicação do "Manifesto" pretendia-se alcançar o "culto do instável, do indefinido, do infável, a que se prende

a substituição do épico em relação ao lírico ou "poesia pura"; vontade de uma literatura sem literatura; ódio às coisas claras ou acabadas; gosto da vertigem e do absurdo, exaltação do primitivismo em todas as manifestações, arte infantil, arte dos loucos, escrita automática, mera expansão do inconsciente, descidas ao abismo do sonho (8).

Não sabemos se seriam esses os propósitos do "grupo futurista de Faro", mas o certo é que ele se manteve acordado e sensível a esta "moda" que, como todos os movimentos literários, teve a sua época própria. No caso presente ela atravessou o país numa altura em que o novo regime ensaiava os primeiros passos e talvez por isso não lhe tenham prestado a atenção merecida. A crise política instalara-se no país tornara-se endémica, e os partidos confrontavam-se permanentemente contrapondo aos interesses nacionais as suas próprias e naturais dissensões ideológicas esquecendo-se que estavam em jogo os destinos da Nação portuguesa. A crise económica, no clima político vigente, era in controlável e o país caminhava a passos largos para a bancarrota. A literatura resvalava para um plano secundário enquanto os jornais se ufanavam em educar o povo nos moldes leais e tolerantes em que se inspirava o novo regime. Não admira pois que os jovens lutassem por uma futura criatividade desopiladora dos saturantes conceitos académico-cristãos de um Julio Dantas ou demasiado republicano-classicistas de um Guerra Junqueiro. Daí surgir a corrente futurista que do Mediterrâneo soprava uma lufada de ar rejuvenescedor apelando para o progresso da máquina, da tecnologia e do modernismo, expurgado de quaisquer tabus sociais que amordaçavam a criatividade humana.

Foi uma "pleiáde de Novos", como lhe chamou a misteriosa miss Edith (9), ao "grupo do Heraldo", que aqui perpetuou o ideário do "Orpheu", escudando a sua timidez numa capa de pseudónimos alguns dos quais hoje indecifráveis. Já agora, aqui ficam os que se puderam apurar como indubitáveis: o pintor Carlos Lyster Franco assinava Kernok, Carlos Porfírio era o Nesso, Mário Lyster Franco, com apenas 15 anos, era o Fontanes, João Rosado assinava Horácio ou O'Racio, Raul Marques Carneiro era o A. de Queiroz, António do Nascimento era o Naissance e o prof. José Nunes de Sousa foi o único que nunca ocultou a sua verdadeira identidade, não usando por isso de pseudónimo. Os outros, que são ainda bastantes, dormem o sono dos ignorados, numa espécie de soldados -desconhecidos.

Efectivamente, deveu-se a Carlos Porfírio todo o entusiasmo futurista do "grupo do Heraldo". Nado e finado em Faro (1895-1970), Carlos Porfírio foi um talentoso pintor, cujas obras poderão ainda ser apreciadas no Museu de Etnografia desta cidade, do qual, aliás, foi fundador e director. Os seus estudos nas artes plásticas funde-

mentou os em Paris onde permaneceu até ao início da II Guerra Mundial, filiando-se inclusivamente na família da célebre escritora Simone de Beauvoir, que aqui ao Algarve o veio visitar em 1945. Era amigo íntimo de Almada Negreiros, de Santa-Rita Pintor e de Mário de Sá-Carneiro, tendo a ele pertencido, como já se disse, a direcção da revista Portugal Futurista. Após o seu desaparecimento praticamente ninguém fala dele nem da sua obra. Caiu no esquecimento, como é normal nesta vida cultural algarvia.

Do "grupo do Herald" ainda resiste, mais ou menos na plenitude das suas faculdades intelectuais, o dr. Mário Augusto Barbosa Lyster Franco que durante quarenta anos dirigiu o semanário "Correio do Sul" em Faro, infelizmente já extinto. A ele devemos uma boa parte das informações aqui prestadas e para ele vai a nossa vênia de profunda gratidão. Resta-me, para terminar, em face de tudo quanto aqui ficou dito, reafirmar que o Algarve deve a este homem uma prova de justa e profunda gratidão pela sua obra, pela sua acção e, sobretudo, pelo seu intrínseco algarviismo, vocábulo conceptual que ele próprio criou. Por isso, proponho a este Congresso e muito especialmente ao Racial Club de Silves, que pelo engrandecimento do Algarve tem encetado dura e intransigente luta, que preste hoje e futuramente a memória do Dr. Mário Lyster Franco aquela homenagem que o Algarve e os algarvios tanto lhe devem.

(1) A coleção completa deste periódico, única no país, poderá consultar-se na Hemeroteca da Universidade do Algarve cujo acervo foi al truísticamente doado pelo Dr. Mário Lyster Franco.
Também com algum interesse se poderá consultar a obra do capi tão Vieira Branco, Subsídios para a História da Imprensa Algarvia de 1833 aos nossos dias, Faro, 1938.

(2) Cf. "Futurismo", in Dicionário da Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, 5 vols., 3ª edição, Porto, Liv. Figueirinhas, 1978, vol. II, p. 335.

(3) Idem, p. 336

(4) Estritamente dedicado aos aspectos biográficos do Dr. Mário Lyster Franco existem apenas dois trabalhos da minha autoria. O primeiro foi publicado no "Diário de Notícias" de 20/11/1982 e o segundo en contra-se ainda no prelo e trata-se de um livro de memórias que te rá por título Confidências e Revelações de Mário Lyster Franco.

(5) Cf. Nuno Júdice (selecção e prefácio), Poesia Futurista Portuguesa, (Faro 1916-1917), Lisboa, Cd. Regra do Jogo, 1981, p.11.

(6) Idem, p. 132

(7) No dia 5 de Agosto de 1909, o "Diário dos Açores" de Ponta Delgada, transcrevia o Manifesto de Marinetti sendo curiosamente o único jornal português a fazê-lo. Publicou ainda mais tarde uma entrevis ta que Marinetti concedeu ao poeta Luís Francisco Bicudo, que pes soalmente se encarregou de a traduzir para aquele periódico açoreano.

Cf. Dicionário da Literatura Portuguesa..., op. cit., p.335.

(8) Jacinto do Prado Coelho, Problemática da História Literária, Lisboa, Editora Ática, 1961, p. 250

(9) Nuno Júdice, op. cit., p. 14

BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO, Mário de Sá - Cartas a Fernando Pessoa. 2 vols. Lisboa, Editora Ática, 1973.
- CARRIERI, R - Il Futurismo. Milão, Ed. del Milione, 1951
- CASTRO, E. M. de Melo e - As Vanguardas na Poesia Portuguesa do Século XX, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, M.E.C., 1980.
- COELHO, Jacinto do Prado - Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa 2ª edição, Lisboa, Editorial Verbo, 1963.
- CRISPOLTI, E.- Il Mito della Macchina e Altri Temi del Futurismo, Celebes, 1969.
- FALQUI, E. - Bibliographie e Iconografia del Futurismo, Florença, Ed. Sansoni 1959.
- FERREIRA, J. Mendes - Antologia do Futurismo Italiano. Manifestos e Poemas, Lisboa Editorial Vega, 1979.
- JUDICE, Nuno - A Poesia Futurista Portuguesa (Faro 1916-1917), Lisboa Ed. A Regra do Jogo, 1981.
- NEGREIROS, José de Almada - Obras Completas, Lisboa Ed. Estampa, 1970
- NEVES, J. Alves das - O Movimento Futurista em Portugal, Porto, Ed. Di vulgação, 1966.
- PESSOA, Fernando - Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, Lisboa, Ed. Ática, 1966.
- POMORSKA, Krystyna - Formalismo e Futurismo, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- SIMÕES, João Gaspar - Vida e Obra de Fernando Pessoa, Lisboa, Livraria Bertrand, 1951.
- TAYLOR, J. C. - Futurismo, Nova York, 1961.